

626

A hora do Ankeiro

Pessoas

Conceição —

Clara —

Helena —

Lúcia —

Condessa —

Lidia —

Glória —

Francisco —

Raimundo —

Duarte —

Paul —

Julio —

Napoléon —

Belmuco —

Raul —

Curado —

Acto I

Sala modesta de linhas regulares e tecto baixo. O lado direito corre obliqua ao fundo, o esquerdo perpendicular. A meio do fundo uma janela de sacada guarnecida com cortinado branco. Duas portas em cada lado, comunicando a da direita alta com um quarto onde está bem visível um oratório ^(com uma imagem de Virá Purhara, sobre uma cómoda.) as paredes forradas de papel. A mobília antiquada e de mogno. A mesa ao centro, entre as portas da direita o sofá e entre as da esquerda um tremó com relógio. Um tapete ao centro e outro junto do sofá. Entretanto a casa possui um certo ar de elegância e graça na disposição e arranjo das poltronas e cadeiras, das almofadas e bordenhas, das jarras, livros e retratos. É um dia de sol, a janela aberta. No vão uma cadeira tendo em cima um cesto de costura.

~~Cena I~~ ~~Clara e Glória~~

Clara está limpando o pé da mesa. Traja com modéstia e graça. Um pequeno avental defende-lhe o vestido.

Clara - (Chamando) Glória! (Momentos depois Glória entra pela direita baixa na desalinho das horas mais ocupadas. O avental de riscado dobrado em bico sobre a cintura.) Bateram. (Glória

sai pela esquerda alta. Murmurando e terminando a
limpeza / Pronto! / Vai acender o pano à janela e depois
fecha-a /

Gloria - (voltando) / É o sr. Raimundo.

Clara - (num trejeito de aborrecida) / Vão lhe dizer que estava
em cá, que a minha mãe tinha saído?...

Gloria - Dize. Mandou pedir à maninha que o recebesse. Precisa
muito falar ao seu pai e...

Clara - (decidindo-se e entregando-lhe o pano do pó) / Dize-lhe que
entra. / Vai sentar-se a bordar à janela. Gloria sai /

~~Acto II~~ ~~Clara e Raimundo~~

Raimundo - (entra pela esquerda alta e vai cumprimentar Clara.
Traz o fato e as botas gastas. O cabelo crescido e des-
pentado e a barba por fazer) / Desculpe a minha insistên-
cia. Sabe onde posso encontrar o seu pai?

Clara - Deve estar no estabelecimento.

Raimundo - Não está. Tenho a maior vergonha de lhe falar.

Clara - (indica-lhe uma cadeira) / Festei à espera de si. Fui de
manhã umas coisas e... Deve vir a casa antes de ir à
estação esperar o Duarte. Sabe que o Duarte chega hoje?

Raimundo - Pois sim. O seu pai mandou-me avisar. Está então
muito satisfeita com a chegada do mano?

Clara - Muito! E para os pais é uma grande alegria.

Raimundo - Sim...

Clara - A maior! O Raimundo vem cá e cara com toda a intimidade e confesse os sacrificios que fizeram para nos dar uma educação esmerada. Corrigo pouco exagero.

Raimundo - Le' agero!!

Clara - (delicadamente encostada) Sim, sim... (com ligeiro amargor) Educada como se fosse rica, como se vivesse na melhor sociedade! Para quê?...

Raimundo - Que qual é a melhor sociedade?...

Clara - (rindo) Si; eu não tenho ideias politicas. Para mim a melhor sociedade é' aquella em que ha mais elegancia, mais dinheiro, a possibilidade de satisfazer os nossos desejos, caprichos e até... o nosso orgulho.

Raimundo - A sociedade é' uma só e não tem ~~quatro~~ certo. Ha sempre um lugar, uma situação onde está a nossa felicidade.

Clara - Para uns muito facil; para outros muito difficil, impossível.

Raimundo - Conquista-se.

Clara - Para um homem é' differente, é' provavel...

Raimundo - Mais facil para uma rapariga, quando, depois, possui os seus dotes, a sua intelligencia, os seus encantos...

Clara - (^{placenta-se} interrompendo-o e desviando-o do tom galanteador) Tudo quanto os pais fizeram pelo Duarte é' razoavel. F' um rapaz, o caso é' outro. L' ele merecia todos os sacrificios. Intelligente, trabalhador, bom filho...

Raimundo - (baixando os olhos e quase por abrigação) Sim...

Clara - É note: que luta, que dificuldades para conseguir o curso! Conseguiu ao mesmo tempo que o Raimundo, o Júlio...

Raimundo - (aredo e intencional) O Rui...

Clara - No quarto ano adoeceu. Um ano perdido! O desgosto, muitas despesas, falta de meios... Mais aflição! Não pôde voltar para Coimbra. Empregou-se no comércio. O Rui e o Júlio acabaram o curso... (Sorrindo) O Raimundo ainda perdeu dois anos...

Raimundo - Não tinha empenhos.

Clara - (natural) O Duarte também não. (Continuando) Não se conformava com a ideia de não concluir o curso. Ia visitar-me ao colégio com um ar muito triste, aborrecido. Todos os meses entregava à minha mãe os ordenados, para ajudar a casa, reservando apenas para si uma pequena quantia. (Desencanada) Sabes irmão! Passados tres anos, uma noite... lembro-me tão bem! O pai dormitava, o Duarte lia, a ^{mãe} ~~ve~~ se fazia nos ares. A mãe levantou-se e logo voltou trazendo uma pequena caixa. Fechou a porta e disse: - Olha, filho, o dinheiro que me tens dado não me foi preciso, graças a Deus! Está aqui. É teu. É para acabares os estudos... Foi uma alegria. O Duarte quis continuar o curso onde o tinha principiado. Foi para Coimbra. Formou-se. Chega hoje. É um dia de festa para nós!

Raimundo - O Duarte é um homem feliz!

Clara - Porquê?

Raimundo - Euem tem assim uns pais e uma irmã! Os meus eram muito humildes, coitados... Não tive ninguém.

Clara - O Rui é tão seu amigo e a Helena...

Raimundo - Amigos! Revelaram-me, sim. Os meus pais trabalhavam nas propriedades deles no Alentejo. Tinha a mesma idade do Rui, bramos pequenos, brincávamos juntos... Foi crescendo, era esperto... Tiveram do' de mim.

Clara - Do'!...

Raimundo - Ou entenderam que lhes ficava bem tomar conta do pequeno, do filho da caçaria, fazer dele um homem, dar-lhe um curso! (Pi acesnante).

Clara - Não diga isso!

Raimundo - Toda a gente elogiava essa acção generosa. A Clara ignorava os extremos de bondades a que o orgulho conduz.

Clara - Orgulho! Incurável.

Raimundo - Eu era criança; aceitei.

Clara - Tão seus amigos!

Raimundo - Amigos de cima para baixo. Vaidade! Vaidade a própria delicadeza! O seu colma é pura para conhecer certas coisas. Além de que é muito amiga da Helena e... (com sarcástico rancor) E o Rui admira-a muito...

Clara - (interrompendo-o e olhando para o relógio) O meu pai não deve tardar.

Raimundo - Certos senhores julgam-se com privilégios porque têm dinheiro ou foram embalados em berços de rendas.

Supõem que o mundo é deles, que logo deslumbram e dominam. Servem-se dessa situação para se enfiarem, e realizar os seus caprichos amorosos...

Clara — (interrompendo com veveza) O meu pai.

~~Cena III~~

~~Os mesmos e Francisca~~

Francisco — (fora) Davagar' he'rem. (Entra pela esquerda alta. Traz um jaquetão antiquado e decaído pelo uso. As calças têm polcheiras enrugam-se sobre as botas. No colete uma corrente de ouro pendendo de uma casa para as algibeiras. No rosto de uma acolhedora simpatia reluz contentamento. Traz tres embrulhos, Clara corre a desembrulha-los dos embrulhos ^(beijo-o) ~~que~~ põe sobre a mesa. Estendendo a mão a Raimundo) Olá! Ainda é cedo. (A Clara) A tua mãe?

Clara — Ainda não veio.

Francisco — Vai ver como os moços trazem estas coisas e enchei-lhes onde devem arruma-las. É a cama nova e o toucador para o teu irmão. (Clara sai pela esquerda alta).

~~Cena IV~~

~~Francisco e Raimundo~~

Raimundo - Muito obrigado pelo seu bilhete avisando-me da chegada do Duarte, e os meus parabéns!

Francisco - (Agradece cingindo-o com um braço amigavelmente) He que enfim! Já é o sr. doutor! (Indo à porta da esquerda alta) Cuidado na volta do corredor! (Vindo a Raimundo) ~~Como é~~ ~~o sr. doutor~~. Contava encontrá-lo já em casa? O comboio chega às três.

Raimundo - Eu sei. Procurei-o na loja. Como não estava e eu tinha a maior urgência de lhe falar tomei a liberdade de vir a sua casa. Já cá estou há uns dez minutos. Peço desculpa, ^{meu}.

Francisco - Cera, esta!

Raimundo - É um assunto importante, iradiável...

Francisco - (Indica-lhe uma cadeira e vê as horas) Faga favor de dizer. (Sentam-se).

Raimundo -erei breve. O sr. Silva é um homem inteligente, activo, honrado...

Francisco - (Desoingrado) Isso é favor, meu amigo. Trabalhador e honesto; nada mais.

Raimundo - Não pretendo ser amável. Exponho factos. Sei que também sou inteligente, e resolvi utilizar praticamente esta faculdade. Estou farto de assistir à elevação dos tolos e dos audaciosos e resolvi não permanecer no logar de degraus ou de paciente espectador. O momento é de luta e a vitória certa para quem persistir. É justo que homens como o senhor e eu queirmos a existência nossa contra uma preocupação sobre o dia seguinte, que não assegure

tenho o mesmo bem-estar?

Francisco - O sr. doutor ainda é novo. Pense bem. Eu já estou velho. Guarde as minhas ambições para o Duarte.

Raimundo - O senhor é mais novo do que eu porque o senhor nunca teve mocidade e eu tive. A mocidade para o senhor é devotora; para mim uma crebora. Não se iluda, Sr. Silva. O Duarte não é o homem de hoje. Tem dois grandes defeitos - a pobreza e o esgarço da honestidade. É o homem para se sacrificar; não para sacrificar os outros. Coimbra não ensinará a ser egoísta.

Francisco - Pode ganhar-se a vida honestamente.

Raimundo - Pode. O conceito de honra hoje é mais vasto, mais tolerante... Não conte com o Duarte. Ele é que terá de contar com o pai, que, se quizer, poderá enriquecer.

Francisco - Enriquecer?

Raimundo - Porquê não? (Entre tom) Não estou disposto a continuar a ser o mesmo Raimundo, inteligente de profissão, conseguindo votos de admiração das mesas de café, fazendo discursos ou escrevendo a explorar o sentimento e a boa fé dos ignorantes e sempre na penúria. Riquelme e a riqueza é a grande mola da felicidade. Hoje para o adquirir é apenas necessário ter audácia e arquiúria. O dinheiro existe. Porquê não ha-de ser dos outros e não ha-de ser nosso? Porquê não ha-de o senhor ter ambições? E se as não tem por si, porque não ha-de tê-las pelos seus filhos?

Francisco - Não digo que não.

Raimundo - O processo é o negócio. Resolvi meter-me em negócios e preciso do seu auxílio.

Francisco - (Com desânimo) Capital?...

Raimundo - Não. Se tivéssemos capital, não iamos procura-lo. Já o tínhamos. Não venho pedi-lhe dinheiro; venho oferecer-lho.

Francisco - Ah! Muito.

Raimundo - Não via. Nem lho oferecia ~~de~~ sembessa ganha-lo sozinho. A guerra é uma incogitável origem de riqueza.

Francisco - A guerra tem sido muito consuetudinária, não há dúvida.

Raimundo - O Estado tem de comprar; nós podemos vender. É um freguez que compra muito e a quem se vende caro. A falta de gêneros é uma fonte de riqueza. É preciso ou já não há, por exemplo, açúcar. Magnífico! É preciso ou já não há quer dizer: está caríssimo. É preciso ou já não há quer dizer: fulano e beltrano vão enriquecer.

Francisco - (surpreso e interessado) É afinal?...

Raimundo - Tenho conhecimentos, preferências... (Virando uns papéis da algibeira) Por vezes é preciso ser grato, não esquecer os que nos proporcionam facilidades... (Entregando os papéis) Eis aqui dois negócios excelentes. Sempre é certo que precisaríamos de um certo capital.

Francisco - (pegando nos papéis) Não bem desic! Muito dinheiro?

Raimundo - Algum. Quanto mais melhor. (Francisco começa vendo os papéis) Como conheço uma pessoa que do melhor grado